

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NAS CONSULTAS ODONTOPEDIÁTRICAS -

Acolhendo e fazendo vínculos com histórias na área da saúde.

Sonia Pineda Vicente*

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a arte de contar histórias e as consultas terapêuticas em odontopediatria, em especial com crianças que apresentam muito medo e/ou aversão ao tratamento dentário. Baseado em diferentes métodos de abordagem do paciente infantil, observamos que existem múltiplas facetas de comportamentos para cada criança. A experiência de muitos anos trabalhando com crianças nos ensina a encontrar o que cada uma apresenta por trás de seus medos, pavores e angústias. O eixo principal deste trabalho traz à luz algumas considerações acerca das consultas terapêuticas da obra de Winnicott, com a técnica do jogo do rabisco. Assim, observamos que a história que se conta através destes desenhos e as histórias que criamos e adaptamos para as crianças podem se tornar uma forma de acolher, de fazer o manejo e o tratamento do paciente de forma eficaz e nunca traumática, com o intuito de possibilitar a criança que virá a ser um adulto, uma relação tranquila e de mútua satisfação para a criança (paciente) e para o profissional odontopediatra.

ABSTRACT: This paper aims to present thoughts on the art of storytelling and therapeutic consultations in pediatric dentistry, particularly when it comes to children who fear or have an aversion to dental treatment.

Based on different child patient approach methods, we observed that there are many facets of behaviors for each subject. The experience of many years working with children teaches us to find what each one of them brings behind their fears, traumas and anxieties. The main focus of this work is to bring some consideration on the

therapeutic consultations proposed by Winnicott, such as the squiggle game strategy. We observed how the story told through these drawings and how the stories created and adapted for children can serve as a new way to handle the subject for treatment in an effective and not traumatic way, in order to enable the child, who will become an adult, to have a peaceful relationship with the professional dentist and also a feeling of mutual satisfaction between them.

1. INTRODUÇÃO:

A prática de contar história é conhecida no mundo todo e exercida de maneiras muito diferentes em culturas distintas com objetivos que mudam conforme o contexto em que se vive e em que o contador atue.

Em uma retrospectiva de minha própria história me permiti recordar minha formação. Desde pequena sempre tive contato com os contos orais. As aulas mais esperadas eram as “aulas de biblioteca” – hoje chamadas salas de leitura - e foi assim que conheci parte das obras dos irmãos Grimm, Charles Perrault, Hans Christian Andersen, Mark Twain, Lewis Carroll, Monteiro Lobato, Antoine de Saint-Exupéry entre tantos outros que marcaram minha infância e adolescência.

Como tantas outras crianças, ouvi histórias contadas por minha mãe, avós e tios, o que me envolveu com o mundo de sonhos e fantasias das narrativas.

Atriz amadora desde a infância encontrava através de histórias, uma maneira de explicar para as crianças do catecismo o que aquela passagem da bíblia significava. Uma história explicando a parábola. Isto me fez compreender a minha necessidade de histórias para ajudar a olhar para a vida de uma forma especial, ouvindo e me comunicando melhor com as pessoas.

A experiência como atriz amadora dos 9 aos 14 anos desenvolvendo papéis de Maria, Rita, Madalena e outras, que tantas vezes se repetiram nas peças religiosas do teatro na minha igreja me fizeram crer que as histórias destas personagens tocavam profundamente as pessoas e que as faziam pensar. Desde então surgiu o desejo de seguir a carreira de atriz, porém esta formação ia de encontro aos ‘nãos’ da família. ‘Artista, nem pensar e não se fala mais nisso’. Belos tempos da década de 60. Saudades! O grande momento da escolha chegou e a história de ser atriz ficara no passado.

As profecias se cumprem! Nesta época, aos 9 anos Dr. Roland extraiu meu canino superior direito, que não tinha espaço para se encaixar na arcada. Não foi um simples ato cirúrgico. Após a anestesia eu fugi da cadeira e escada abaixo, cabelos longos ao vento, atravesso a estrada de terra, um taxi DKV Vemag faz um “cavalo de

pau” na frenagem brusca para não me atropelar. Todos saem à rua para ver a garotinha de cabelos longos que fugiu do dentista de cima da padaria. (Sobre este fato escrevi uma crônica: Um dentista, um DKV e uma padaria). Minha mãe me pega pelos cabelos, me coloca em prumo escada acima – aquelas que parecem não ter fim – Ato consumado, lágrimas silenciosas rolam em minhas faces e eu digo alto e bom som: “ quando eu crescer serei dentista e nunca farei com uma criança o que o Sr. fez comigo! ”

O momento foi solene, pois meu pequeno indicador tocava o nariz do velho Sr. Dentista, o dr. Roland. Minha plateia riu: o Dr., sua auxiliar-esposa e minha mãe, que ainda pediu desculpas pela cena.

A vida seguiu desde então e na faculdade fiz muitas coisas como monitorias, estágio na triagem e urgência da faculdade desde o 1. Ano, e como eu não podia tocar no paciente antes do 3. ano, eu fazia as fichas, ouvia suas histórias e contava as minhas. Eu entrava feliz e saia mais feliz a cada dia. No segundo ano eu já fazia muitos procedimentos e continuava agradando com minhas histórias adaptadas. Neste período iniciei um estágio no Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho (1976-1981), no setor de oncologia (cabeça e pescoço), com meu querido professor Dr.Silvio Boraks, com quem aprendi muito e ouvi muitas histórias de pacientes com problemas sérios de saúde.

Lendo O Ensaio de Walter Benjamin, publicado em 1936, parei para uma reflexão:

Ensaio: O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov,¹ Benjamin analisa o desaparecimento da figura do narrador; em suas palavras desoladoras: “...*algo distante, e que se distancia ainda mais*”... A existência de algo raro, no caso, a faculdade de intercambiar experiências dada pela narrativa, aumenta o peso de sua importância e de sua ausência entre nós... A aceleração desenfreada do homem para dominar a natureza o havia levado ao abismo em vez do progresso, o transformado em escravo de suas próprias invenções... O desdém pelas tradições artesanais de comunicação oral traz consigo a perda de sensibilidade pelas experiências coletivas e pela dimensão utilitária que engendra a sabedoria em dar conselhos do narrador. Segundo Benjamin, o primeiro critério para contar histórias é justamente essa natureza oral, agora perdida. Aquele que mais se aproxima da simulação dessa fonte oral também é quem escreve as melhores narrativas... O dom do narrador é o dom de se relacionar com a vida, pois ele é capaz de moldar a matéria-prima da experiência, tanto a sua própria quanto a experiência dos outros, de uma forma sólida e útil. Por isso, é lamentável, para Benjamin, que a arte da narrativa, ou seja, a capacidade de trocar experiências tenha sido lentamente

tirada de nós. Ele cita Paul Valéry: “(...) já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”.⁽¹⁾

Hoje, neste mundo em que tudo parece caminhar para uma liquidez que não tem fim, onde o homem moderno na era das mídias monopolizadoras com o computador, o celular, o WhatsApp e outras, parece não ter mais o tempo precioso para as conversas amenas, aquele bate papo entre amigos, entre pais e filhos e o olho no olho. Penso em Dostoievski com as experiências de encantamento que podem salvar a criança que existe dentro de nós.... Penso nos livros que nos permitem sonhar com outros mundos e ser outros personagens....

Penso na boa música, uma bela audição, uma boa peça de teatro, um bom filme. Penso em ainda poder sonhar e sinto saudades daqueles tempos em que o professor perguntava: “*Aquela garota veio conversar com os pacientes?* ” O quanto isso era terapêutico eu não sabia e não precisava saber, pois, minhas histórias ou minhas “conversas” faziam um elo entre o paciente e aquele espaço de tratamento, dentro de um hospital, faculdade, na sala ou no corredor de espera, para promover também uma paz, um silêncio e uma quietude.

No teatro da faculdade fui convidada a interpretar vários papéis. Foi divertido e curti muito esta época, participando também de movimentos sociais em prol de um ensino e saúde melhor para a população.

Intuitivamente já aplicava o que conheci mais tarde na psicologia do Dr. Carl Rogers, um pioneiro na psicoterapia humanista, citado por Rachel Naomi Remen em *Histórias que curam – conversas sábias ao pé do fogão*, 1998 p.190¹⁷:

Antes de cada sessão, reservo um tempo para lembrar minha condição humana. Não existe experiência alguma que esse homem tenha vivido que eu não possa compartilhar com ele, nenhum medo que eu não possa compreender, nenhum sofrimento com que eu não possa me preocupar, porque eu também sou humano. Não importa o quanto sua ferida seja profunda, ele não precisa envergonhar-se diante de mim. Eu também sou vulnerável. E, por causa disso, eu sou suficiente. Seja qual for sua história, ele não precisa mais estar sozinho com ela. É isto o que irá permitir que sua cura tenha início.

¹ Walter Benjamin <http://sentidosocial.com.br/o-ensaio-de-walter-benjamin-o-narrador-consideracoes-sobre-obra-de-nikolai-leskov/>

Essa busca constante me levou ao caminho do autoconhecimento que muito me ajudou na relação com as pessoas, em especial na profissão escolhida como odontopediatra. Confesso que tudo tem a ver com tudo: o teatro amador da infância e adolescência, a professora de catecismo e do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), ouvir as histórias de minha mãe, contando as histórias de meus avós, a formação profissional, as pós-graduações, a obtenção de um DRT em teatro, tudo chegou a um ponto em que hoje me faz desejar escrever e contar minhas histórias.

No meu pequeno teatro de uma sala de aula ou sala de consultório, minha plateia é pequena e as vezes se completa com a presença de um ser pequenino deitado na barriga do papai ou no ventre da mamãe para ouvir minhas histórias e assim obter um resultado positivo para o que proponho realizar no tratamento odontológico.

Tudo o que aprendi esta internalizado em meu ser e esse é o meu diferencial. A palavra é o meu contexto para convencer meu pequeno expectador a colaborar naquele exato momento e sempre preciso deixar um gancho para o próximo encontro. Como Sherazade teve 1001 noites de histórias eu preciso num curto espaço de tempo uma anuência eficaz, talvez 5 ou 8 encontros...

Diferente de outros profissionais, com todas as técnicas que dispomos para tratar dos dentes de uma criança, a mais eficaz na minha prática diária, sem dúvida é através das histórias. Assim, a minha arte de contar histórias faz parte do meu ofício de artesã de restaurar sorrisos!

Mais tarde, no caminho que trilhei senti a necessidade de homenagear minha mãe nos seus 80 anos, escrevendo “Tamanquinhos Vermelhos” (2016), com relatos de histórias reais vividas por ela desde a infância. Foi na pós-graduação “A Arte de Contar Histórias: Abordagens poética, literária e performática” que o processo foi desencadeando, uma atividade puxando a outra, o coração palpitando... Foi como quando estudei a interpretação dos sonhos de Freud, um ano de muita produção onírica! Agora, continuo sonhando até acordada com as histórias que vou contar e com as histórias que ainda vou escrever.

“A persistência é o caminho do êxito!

Charles Chaplin

2. REVISANDO A LITERATURA

Diante de tantas dificuldades encontradas em uma sala de consultório, busquei respostas em outras áreas do saber que acrescentaram algo transformador em minha maneira de trabalhar. Descobri que amo contar histórias, as minhas, as que ouço e transformo e as que crio junto com as crianças, no momento preciso em que posso pensar numa nova saída através de uma história. As crianças gostam de entrar no mundo do faz de conta, do era uma vez, do certa vez, num reino distante e contar histórias abre uma janela na psique da criança que facilita muito a relação profissional-paciente de forma que a criança possa descobrir que não está sozinha, e que alguém está ali para ajudá-la naquela situação.

Estudando a psicanálise de **WINNICOTT**^{24,25,26}, em especial as consultas terapêuticas²⁶, que aplico como odontopediatra, tem como objetivo possibilitar a criança que virá a ser um adulto, uma boa relação profissional-paciente, que torna o retorno tranquilo para outros tipos de tratamentos que ela possa se submeter durante sua vida, em qualquer área da saúde, evitando-se assim as condições fóbicas que presenciamos em tantos adultos que nos chegam ao consultório, ainda nos dias de hoje, por não terem recebido um tratamento apropriado quando criança.

São muitos os autores que estudam os relatos do psicanalista infantil Dr. Winnicott (*Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista infantil que viveu de 1896 a 1971*). Entre eles quero destacar alguns autores que me auxiliaram muito nesta compreensão do desenvolvimento infantil e suas relações com o mundo.

- **SAFRA** (2005, 2006) ^{19,20} relata a importância do brincar e contar histórias criando assim um espaço lúdico com a criança;

- **ARAGONE e VICENTE (1999)**³, falam dos 'Aspectos psicológicos na clínica odontopediátrica aplicados à relação criança-família-dentista', mostrando o quanto a família pode participar do processo lúdico no consultório odontológico.

- **VICENTE e CORREA (2002)**²³ em O 'Autoconhecimento e Alguns Procedimentos que Levam ao Sucesso Profissional' nos falam da importância do profissional estar sempre atualizado para novas técnicas de abordagem da criança e

o quanto é importante conhecer o universo infantil e como interagir com a criança de forma lúdica.

- **TRINCA e TARDIVO(2001)**²² falam do ‘Desenvolvimento do Procedimento de Desenhos-Estórias’, e baseados nos estudos de Winnicott eles também nos mostram a experiência do relato de histórias que um desenho pode proporcionar ao profissional revelando a ansiedade, medo, angústia que a criança está apresentando diante de uma situação, num determinado momento da sua vida.

Então eu questiono: Quais são as angústias diante da experiência Odontológica? Como posso intervir obtendo a colaboração da criança?

- **ABERASTURY, (1996, p.105)**¹, escreve sobre esta experiência:

A angústia despertada pelo tratamento odontológico é de tipo irracional, pois nada do que acontece durante um tratamento dessa índole explica a intensidade da angústia que desperta, nem as reações que se observam.

É interessante observar que isto não acontece só com crianças, como a autora relata: *“não apenas nas crianças, como também nos pais...”*

Os pais se sentem responsáveis pelo que está acontecendo com a criança, como: por que meu filho teve cáries? Por que ele está dando tanto trabalho para o profissional? Onde eu errei?

O sentimento de culpa é um sinalizador nestas situações. Assim, quando desejo uma mudança de atitude tenho que contar com a colaboração dos pais. De alguma forma devo conquistar a criança e dar suporte aos pais ou responsáveis, para que eles interajam positivamente e eu possa desenvolver meu trabalho com bons resultados.

Quando penso no que posso oferecer me lembro das sábias palavras de **MICHAEL BALLINT(1988)**⁴: *“O melhor remédio que damos ao nosso paciente, a melhor droga que injetamos, somos nós mesmos”*.

Então devemos nos conscientizar de como é grande a nossa responsabilidade. O trabalho humano que se realiza contando histórias é a vivência do encontro e algo mágico acontece, como **SAFRA (2006)**¹⁹ citando Dostoievski, nos diz que *“uma*

experiência de encantamento pode salvar uma criança”, e esta experiência devemos compartilhar com a criança e ficar encantados também.

Nessa experiência de compartilhar, não precisamos perguntar, interpretar e sim ser continente para a angústia que emerge e poder acolher. O importante é perceber que a criança produz uma emoção, um sentimento de medo sem explicação, as vezes terror, pânico, um medo como se fosse morrer e isso pode ser transformado com uma história, com um acolhimento, com um sorriso, com uma brincadeira e assim podemos estabelecer vínculos que possibilitam uma boa comunicação entre o profissional e a criança.

WINNICOTT^{24,25,26} conhecido por seus estudos sobre o desenvolvimento e amadurecimento infantil, era um profissional muito prático e como ele mesmo afirmou, boa parte do que escrevia provinha de sua experiência clínica e da observação de seus pacientes. Contudo, ele também era um estudioso, de onde concluímos que, apesar de não citar uma fonte como base de sua teoria, poderia haver entre suas leituras algo que ele pudesse ter tido como referência ou ponto de partida. Comparando com a escrita de **Schiller**² (poeta, filósofo, médico e historiador alemão, que viveu de 1759 a 1805), encontramos o seguinte: “*O homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga*”. Frase muito semelhante à que **WINNICOTT (1975:79-80)**²⁵ escreveu quase duzentos anos depois:

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem na sua liberdade de criação”, e completa: “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self).

Para encontrar o caminho que conectasse a minha área de trabalho e o desejo de acrescentar algo que mudasse o meu fazer diário e me trouxesse uma alegria diferente, aquela de estar com criança, brincar e querer sempre ficar mais um pouquinho.... Eu busquei nestes saberes odonto-psico e acrescentei algo de igual

² SHILLER (1795) apud: Belo, F. e Scodeler, K. A importância do brincar em Winnicott e Schiller Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 45.1, p. 91-109, 2013. p.93.

intensidade para o cuidado com as crianças. Na intersecção do ser bio-psico – social – cultural - espiritual, continuei buscando e criando histórias para encantar crianças na minha cadeira odontológica e conheci pessoas lindas que muito acrescentaram ao meu saber uma nova experiência.

Além do Curso Básico de Formação para Contadores de Histórias realizado na Biblioteca Municipal Raimundo Menezes³, fiz o Curso Viva e Deixe Viver de Contação de Histórias⁴ e a Formação de Mediadores de Histórias pelo Itaú Criança⁵. Um percurso importante na minha formação de contadora de histórias, com estágios e voluntariados sempre ligados à área da saúde tanto pelo Viva no HC- IPQ quanto pelo Itaú Criança em outros hospitais de São Paulo.

Como professora universitária, pesquisadora e educadora estou sempre em busca de uma formação completa do ser humano, este ser que está sempre inacabado, uma obra em andamento. Então, pensando a vida como um processo, eu busco respostas que façam este ser viver melhor consigo mesmo e com seus semelhantes. Gosto de ler e estudar os pensadores entre eles faço estas citações que muito têm a ver com o meu momento:

*“Não envelhecemos enquanto buscamos” de Jean Rostand ;
“A felicidade não está em fazer o que a gente quer, mas querer o que a gente faz” Jean Paul Sartre
E parafraseando meu caderno de recordações da adolescência:
“Eu não tenho tudo que amo, mas amo tudo o que tenho”.*

Na era da informação, da imagem, da comunicação e da velocidade é preciso usar o silêncio, o silêncio que nos faz organizar o pensamento, ouvir de nós mesmos, o que somos e o que queremos. O silêncio que nos conceda imaginar, pois “ao lado da razão, a imaginação, os sentimentos, os sentidos são instrumentos de atuação na realidade e criação de saberes e valores” (RIOS, 2008, p.61)¹⁸.

³ BIBLIOTECA MUNICIPAL RAIMUNDO MENEZES, de São Miguel Paulista – SP.(2014).

⁴ A ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER é uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que conta com o apoio de voluntários para realizar sua MISSÃO: Promover entretenimento, cultura e informação educacional mediante do estímulo à leitura e do brincar, visando a transformar a internação hospitalar de crianças e adolescentes em um momento mais alegre e agradável, contribuindo positivamente para o bem estar de seus familiares e equipe multidisciplinar.(2015).

⁵ Fundação Itaú Criança (2015).

Busco este silêncio dentro de mim através da meditação e encontro em **PERRISSÉ, 2000¹⁵, p.9:**

Uma etimologia imaginária que explica que o verbo “meditar” é, na verdade, um me + ditar, um ditar-me para mim mesmo. De modo que uma leitura meditada, lentamente meditada, demoradamente meditada, sossegadamente meditada, é uma leitura ditada no silêncio de uma tarde sem pressa, sem relógios, sem telefone, sem sustos, sem atropelos sem fim.

Em minhas palavras faladas ou cantadas existe uma entonação hipnótica e a história vai ficando emocionante e a criança reage e interage cobrando de mim a ação que ela espera ou então entra em sono profundo. Segundo os japoneses, uma boa história e um bom contador de histórias são aqueles que fazem seu interlocutor entrar no sono profundo... (relatos da colônia japonesa que atendo em meu consultório).

Eu busco... como busca o Buscador de Jorge Bucay:

Esta é a história de um homem que eu definiria como buscador.... Um buscador é alguém que busca, não necessariamente é alguém que encontra. Tampouco é alguém que, necessariamente, sabe o que é que está buscando, é simplesmente para quem sua vida é uma busca. (DA HISTORIA O BUSCADOR DE JORGE BUCAY) ⁶

Buscar calmamente, tranquilamente, serenamente, ou seja, apenas buscar o encontro de mim mesma com a criança tão frágil diante de mim, para que meu trabalho pudesse fluir e ter um bom resultado. Então, fui estudar outros autores que me ensinassem a arte de contar histórias para então me assegurar que existe uma técnica, e que desta forma eu pudesse ter claro que algo seria vivenciado de uma forma amena na experiência e vivência de um modo diferente de acolher meu paciente que apresenta um medo irracional diante do tratamento odontológico.

REGINA MACHADO, 2004¹² p. 71 destaca a importância do ritmo da narração: A cadência é o ritmo, a respiração do contador de histórias, em consonância com a respiração da história. Para poder acompanhar a cadência da história é necessária uma disposição interna do contador, para deixar se levar pela respiração, pela cadência, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, o gesto e o olhar, de acordo com os diferentes “climas expressivos” que o conto propõe.

⁶ <https://narrativabreve.com/2014/10/cuento-jorge-bucay-el-buscador.html>

Assim, encontrei nos contadores de histórias uma conexão com o que desejava trabalhar nas consultas odontopediátricas, como em **RAMOS (2010)¹⁶** o estabelecimento de alguns critérios dentre os quais a autora relaciona a contação de histórias como por excelência uma oportunidade e uma vivência para a construção da personalidade ética de quem ouve mas também por parte de quem as conta, que não apenas o conteúdo moral é trabalhado, mas uma postura atitudinal é construída a partir da família...

Como é importante trazer a família para a responsabilidade junto da criança. Como é bom fazer com que todos participem das novas descobertas das crianças.

Observo nos questionamentos da autora **ALICE BANDINI (2013, pag. 13)⁵** :

O homem tenta reencontrar o sentido último da vida e responder à pergunta-chave de sua existência: Quem sou eu? Por que estou aqui? Para onde vou? É no sentido dessa inquietação existencial que vemos o atual fascínio pela redescoberta dos tempos inaugurais/míticos nos quais a aventura humana teria começado. As histórias que instruem, renovam e curam proporcionam a alimentação vital para a psique, que não pode ser obtida de nenhuma outra maneira.

É desta forma que tento trazer a família para estes questionamentos e responsabilidades para com a criança, sem críticas ou julgamentos. O que se apresenta como dificuldades para o tratamento poderá ser amenizado com a colaboração dos pais.

A autora **ZENEIDE JACOB MENDES** em Algumas Palavras no pré prefácio do livro '*O Guerreiro Invisível e outros contos do tempo*' de **GRILLO, J.G.Q. e GRILLO, N.Q. (2014, a) pag. 13¹⁰**, nos diz que:

Aprender com histórias ajuda a compreender a natureza humana, nossas condutas e nossa cultura, com toda a sua diversidade... Uma história bem contada produz um campo ideal para o pensamento construtivo e propicia percepções inusitadas, e o acordar de instâncias em nossas mentes frequentemente adormecidas.

Frequentemente observo que as mães de pacientes rebeldes ao tratamento se culpam ou se sentem envergonhadas pela conduta da criança. E aí a história entra para produzir um campo de transformação nas atitudes da família com a criança.

GRILLO, J.G.Q. e GRILLO, N.Q. (2014, b) pag. 17¹⁰, relatam que as histórias muitas vezes dão um nó em nosso raciocínio lógico e talvez por isso sejam tão frequentemente considerados como contos para crianças, pois a mente das crianças em geral costuma estar mais aberta à metáfora e ser mais flexível para aceitar outras possibilidades de realidade.

As autoras¹⁰ nos dizem que:

Ao entrarmos no universo dessas histórias, no tempo do 'era uma vez', entramos num outro lugar, num outro tempo. Lugar que não é nem aqui nem ali, e é ao mesmo tempo aqui e ali. E uma vez que entramos nesse lugar e por ele nos aventuramos, as histórias podem operar.

Em *Histórias da Tradição Sufi*, **NICIA DE QUEIRÓZ GRILLO e colab. (1993, pag 7)**¹¹, nos falam que:

As histórias-ensinamento são documentos científicos de insubstituível valor técnico para a transmissão de um conhecimento que, por outro método, o homem levaria anos de observação e de estudo para o alcançar.

Quantas vezes uma mãe feliz com o resultado do tratamento de seu filho me relata: “ Sabe doutora, foi tão bom aprender a cuidar melhor do meu filho” ou então algo assim: “sabe aquele dia em que você contou aquela história e brincou com minha pequena...”, ou “eu não sabia que sabia fazer assim”, ou “eu não sabia que poderia ser tão bom contar histórias para as minhas crianças! ”

ABRAMOVICH (1994)² fala sobre a perpetuação dos contos de fadas através dos milênios:

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo de uma situação real, concreta, lidando com emoções simples e

complexas que qualquer criança já viveu.... Afinal, contos de fadas falam de amor, medos, solidão, abandono, carências, dificuldade de ser criança, autodescobertas, perdas e buscas, coragem e desbravamento, traições, tristezas, desconfortos, revelações, sexualidade, desejos, realizações de sonhos...

É muito interessante como as crianças associam os contos de fadas com as histórias dos dentinhos que elas mesmas me contam. As bactérias, os monstros das cáries, os castelos com os fossos profundos ou as florestas onde os monstros se escondem. Quem é do bem e quem é do mal... E a cada sessão do tratamento uma nova aventura!

A autora **SIMONE GRANDE (2013, p.46)**⁹ em seu artigo “*A Narração de Histórias e o Teatro: A Busca de Uma Arte Sensível*” relata que:

O contador de histórias trabalha com a palavra e a imaginação. A narração quer vida, quer e precisa de pessoas que estejam lá, contando uma história, por necessidade, que coloquem uma faísca, para que junto com o público possam vivenciar uma experiência.

A **autora (p.45)**⁹, nos diz ainda que uma escuta tem a intenção de abrir os caminhos internos de cada um, para caber mais, e esvaziar também, quando necessário. Silenciamos um pouco para ouvir, ouvir-nos, ouvir o mundo e o outro.

No encontro consigo mesmo, *encontro ensimesmado*, como diria GUIMARÃES ROSA, **LILI FLOR (2013)**⁷ nos fala que a narração de histórias desde sempre moveu a imaginação, a ciência e o modo de vida da humanidade. Aliás, não existiríamos senão pelas histórias que já foram contadas.

Qual a nossa necessidade de responder os questionamentos de onde eu vim, para onde eu vou, quem sou eu? Como e por que eu vim parar aqui na cadeira odontológica?

Desde sempre as pessoas têm necessidades básicas de saúde e se estas forem negligenciadas não saberemos onde chegaremos para ter uma qualidade de vida compatível com aquela que planejamos ao longo de nossa existência.

GRANDE (2010, pag.127-135)⁸ em '*A Narração de Histórias como Aprendizado Narrativo*' nos traz o pensamento de DANIEL MUNDURUKU: *“Se as histórias conseguirem adormecer dentro do coração, quando acordarem, sairão histórias novas, contadas a partir do sonho do contador”*.

Nas palavras de **PEDROZA (2013, pag.73-8)¹⁴** encontramos o aconchego: *“Quero apenas chegar a um lugar e compartilhar histórias com “estranhos” que, muitas vezes, se revelam velhos conhecidos...”*

MAGALHAES (2010, p. 104)¹³ relata em seu artigo *“Era Uma Vez” – Um Breve Histórico das Histórias para Crianças*, que:

Os autores pioneiros como Pestalozzi, Froebel, Montessori, entre outros, nos séculos XIX e início do século XX, afirmaram a importância da atividade de contar histórias para crianças pequenas em seu cotidiano, apontando diversos objetivos associados a essa atividade que, além de encantar, auxiliaria no ensino de virtudes necessárias à boa formação.

Como disse **ESTÉS (1994, p.16)⁶**:

Somos coleções com vários volumes. Sempre há novas oportunidades para consertar o estrago, para moldar nossa vida de forma que emocionalmente merecemos. Ao mergulhar nos contos, os ouvintes reveem seus significados, “leem com o coração” conselhos metafóricos sobre a vida da alma.

E, em **TIERNO (2010, p.22)²¹**: O contador de Histórias é aquele que cultiva a atenção e a delicadeza, fala sobre o que lhe acontece e sabe que para cultivar a arte do encontro é preciso, além de calar muito e ter paciência, escutar aos outros.

Num consultório odontológico, médico ou de qualquer outra área da saúde a arte do encontro precisa ser colocada em prática a cada dia, como se cada encontro fosse sempre o primeiro, repleto de novidades para um conhecer melhor o outro, ou

então como esse encontro fosse o último, e que a partir dali não houvesse outra possibilidade de reencontrar aquela pessoa. Exercitar a paciência, calar e escutar o outro tendo como encanto a melodia da fala, o ritmo das batidas do coração e o olhar atento para uma escuta perfeita.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu penso que quando jovens achamos que sabemos muito, e é esse muito que precisa ser desbastado pelo tempo. Como WINNICOTT^{24,25,26} nos ensina que para amadurecer é preciso passar por um processo de refinamento, deixando para trás tudo o que for desnecessário, o que pesa e aprisiona. Eu aprendi que é possível crescer, amadurecer e se tornar adulto sem perder a ternura, permitindo que o tempo garimpe em nós o verdadeiro sentido da vida para ter serenidade e encontrar o que mais almejamos: a felicidade!

Qual objetivo maior do profissional de saúde que não seja conscientizar o seu paciente tornando-o co-doutor de sua própria saúde, para que assim ele desfrute de uma melhor qualidade de vida? A experiência nos ensina e nos faz sentir que a prática pode confirmar uma teoria ou estabelecer uma nova. E contar histórias torna esse processo muito mais gratificante. O lugar da história para minha prática deve ser o do encantamento, do aprendizado e da reflexão e por isso ela pode ser considerada uma ferramenta de trabalho em todos os campos da área da saúde.

No meu consultório, como em todos os consultórios que recebem as crianças para algum tipo de tratamento deve-se permitir que elas possam explorar o ambiente. Muitas vezes elas só querem brincar com tudo que se apresenta na sala de estar, outras vezes elas querem se apropriar de tudo e então lambem os brinquedos, cheiram as paredes, tocam nos objetos como se apoderando de algo novo naquele espaço e isto é uma chama que vai iluminar nosso vínculo, que será estabelecido desde o primeiro contato. Nesse momento cabe uma boa história que irá marcar nosso encontro para sempre!

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”⁷

Hannah Arendt

⁷<https://super.abril.com.br/ideias/toda-dor-pode-ser-suportada-se-sobre-ela-puder-ser-contada-uma-historia-hannah-arendt/>

Assim, posso concluir que contando histórias para crianças no consultório odontológico facilitamos o processo de compreensão e estabelecemos um vínculo relacional que traz benefícios para ambos: profissional e paciente, diminuindo as necessidades de técnicas invasivas e traumatizantes, onde a criança e a família aprendem as necessidades de cuidar bem da saúde em geral e em especial da saúde bucal.

A atividade lúdica desenvolvida nas consultas odontológicas com contação de histórias permite a formação do vínculo de confiança necessário para o tratamento dentário e a criança sempre volta com a expectativa de que haverá uma nova história, uma nova experiência de encantamento e que ela poderá contar para a mamãe e o papai o que aprendeu.

Todas as áreas de saúde podem enriquecer-se com a escuta e contação de histórias na prática clínica diária, transformando e compreendendo melhor as relações humanas e este é o meu convite para todos os profissionais da saúde, em especial para os odontopediatras, para que utilizem as técnicas de abordagens das crianças com histórias, tendo resultados surpreendentes na sua prática diária da clínica odontológica, com algo novo, terapêutico e transformador.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ABERASTURY, A. Abordagens à Psicanálise de crianças. Trad. Francisco Franke Settineri. Artes Médicas, Porto Alegre, 1996, 220p.
2. ABRAMOVICH, F. Se Maravilhando com os Contos de Fadas. IN: Literatura Infantil: Gostosuras e Bobice. 4^a. Ed. Scipione, São Paulo, 1994, p.120- 138.
3. ARAGONE,P.N & VICENTE,S.P. Aspectos psicológicos na clínica odontopediátrica aplicados à relação criança-família-dentista. J.Bras Odontoped Odonto Bebê,V.2, n.5, p.23-27, 1999.
4. BALINT, M. O médico, seu paciente e a doença. Rio de Janeiro/São Paulo: livraria Atheneu, 1988.
5. BANDINI, A. Como Tudo Começou: Origem e Trajetória do curso Básico de Formação para Contadores de Histórias, p. 9-15. IN: LACOMBE, A.L.M.M. (Org) Teias de Experiências: Reflexões Sobre a Formação de Contadores de Histórias. Ed. CSMB, São Paulo, 2013, 83p.
6. ESTÉS, C.P. A Terapia dos Contos IN: Contos dos Irmãos Grimm, trad.: Lia Wyler, ilustr.: Arthur Rackham. Ed. Rocco, São Paulo, 1994, 316p. [p.11-29].
7. FLOR,L. A Eterna Busca do Contador de Histórias: Do encontro Ensimesmado e Outras reflexões, p. 69-71. IN: LACOMBE, A.L.M.M. (Org) Teias de Experiências: Reflexões Sobre a Formação de Contadores de Histórias. Ed. CSMB, São Paulo, 2013, 83p.
8. GRANDE, S. A Narração de Histórias como Aprendizado Narrativo, p. 127-135. IN: TIERNO, G. (Org.) A Arte de Contar Histórias. Abordagens Poética, Literária e Performática. Ed. Ícone, São Paulo, 2010, 135p.
9. GRANDE, S. a Narração de histórias e o Teatro: A Busca de Uma Arte Sensível, p. 41-7. IN: LACOMBE, A.L.M.M. (Org) Teias de Experiências: Reflexões Sobre a Formação de Contadores de Histórias. Ed. CSMB, São Paulo, 2013, 83p.
10. GRILLO, J.G.Q. e GRILLO, N. Q. O GUERREIRO INVISIVEL E OUTROS CONTOS DO TEMPO: Uma Antologia da Tradição Viva. 1. Ed. Jaguatirica, Rio de Janeiro, 2014, 305p. [a)p.13 e b)p.17].
11. GRILLO, N. Q., PEREIRA NETTO, A. D.; ILG, C. P.; GUIMARÃES, S. D. Histórias da Tradição Sufi. Ed. Dervish –Instituto Tarika, Rio de janeiro,1993, 259p. [p.7].

12. MACHADO, R. Acordais. Difusão Cultural do Livro (DCL). São Paulo, 2004, 231p. [p.71].
13. MAGALHÃES, I. “Era Uma Vez” - Um Breve Histórico das Histórias para Crianças, p. 97-106. IN: TIERNO, G. (Org.) A Arte de Contar Histórias. Abordagens Poética, Literária e Performática. Ed. Ícone, São Paulo, 2010, 135p.
14. PEDROZA, G. No Caminho, com as Histórias, p. 73-8. IN: LACOMBE, A.L.M.M. (Org) Teias de Experiências: Reflexões Sobre a Formação de Contadores de Histórias. Ed. CSMB, São Paulo, 2013, 83p.
15. PERISSÉ, G. O leitor criativo: teoria e prática para ler melhor. São Paulo: Mandruvá, 2000.
16. RAMOS, L.F.M. A Contação de História sob uma Perspectiva Ético–Antropológica, p. 89-96 IN: TIERNO, G. (Org.) A Arte de Contar Histórias. Abordagens Poética, Literária e Performática. Ed. Ícone, São Paulo, 2010, 135p.
17. REMEN, R. N. Histórias que Curam – Conversas sábias ao pé do fogão. Ágora, São Paulo, 1998. 280p.
18. RIOS, T.A. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
19. SAFRA, G.- DVD: A consulta terapêutica winnicottiana: teoria e técnica da intervenção sob demanda. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.
20. _____ Curando com histórias. São Paulo: Sobornost, 2005, 98p.
21. TIERNO, G. (Org.) A Arte de Contar Histórias. Abordagens Poética, Literária e Performática. Ed. Ícone, São Paulo, 2010, 135p.[p.22].
22. TRINCA, W. e TARDIVO, L.S.L.C. Desenvolvimentos do Procedimento de Desenhos- Estórias (D-E). In: CUNHA, J.A. Psicodiagnóstico. Porto Alegre: Artes Médicas, Sul, 2001.
23. VICENTE, S.P. e CORRÊA, M.S.N.P. O Autoconhecimento e Alguns Procedimentos que Levam ao Sucesso Profissional. In: Atendimento Odontopediátrico – Aspectos Psicológicos. Cap. 53, p.571-77. Ed. Santos, 2002, 660p.
24. WINNICOTT, D.W. A criança e o seu mundo – (1957 a 1964). Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
25. _____ O brincar e a realidade. Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon, Rio de Janeiro: Imago, 1975, 208p.

26. _____ Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1984, 427p.

REFERÊNCIAS ONLINE

BENJAMIN, W. O NARRADOR – CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE NIKOLAI LESKOV. Disponível em <http://sentidosocial.com.br/o-ensaio-de-walter-benjamin-o-narrador-consideracoes-sobre-obra-de-nikolai-leskov/> . Último acesso em 10/10/2017.

ARENDT, H. Disponível em <https://super.abril.com.br/ideias/toda-dor-pode-ser-suportada-se-sobre-ela-puder-ser-contada-uma-historia-hannah-arendt/>. Último acesso em 10/10/2017.

***Sonia Pineda Vicente** – Mestre em Odontopediatria e Ortodontia pela FOUSP e FOUMESP, Especialista em Saúde da Mulher pela FSPUSP, Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela FSPUSP.

– ALUNA DA 6ª. TURMA - FACON – **“A Arte de Contar Histórias. Abordagens Poética, Literária e Performática”**.

Contatos: (11) 2341.9310 e 9.9222.0253

doutorasonia@hotmail.com

sonia.contadoradehistorias@hotmail.com